Atemporal

Dever de casa.

“Opa, bom dia!”

Essa pequena exclamação é o que eu mais falo ao longo da semana. Independente do tempo, do meu humor, do horário em que encontro alguém, sempre inicio uma conversa dessa maneira.

Eu poderia me apresentar, mas acho que isso não é importante agora. Na verdade, nunca achei importante a minha própria existência (isso poderia ser triste, mas acho muito engraçado, realmente).

- 10.

Bem, os dias na cidade são, muitas vezes, bem monótonos. Os dias começam e as noites os encerram, assim como em todo lugar. Costumo brincar que moramos numa cidade pacata no meio do nada mas, ao mesmo tempo, de tudo. E é esse o foco dessa história: o tudo da nossa cidade.

- 9.

Minha mãe é dona de uma padaria, mas o nome dela também não vem ao caso. As padarias são muito importantes na região. Todos os dias meus colegas compram os lanches aqui antes de ir à escola que, de uma maneira que poucos a vêem, é um lar pra muitos.

- 8.

Cada vez mais alunos se inscrevem na nossa turma, eles costumam dizer que estudamos na "turma mais inteligente do colégio". Isso aumenta minha auto estima (que não é tão grande assim).

- 7.

Nossa escola está subindo, cada vez mais, no ranking do país. Acredito que, em alguns anos, ela se torne a principal origem dos melhores campeões de notas nacionais. Todos os dias eu consigo muito bem ver os incríveis potenciais dentro de cada estudante dessa escola.

- 6.

Um dia, meus professores me perguntaram o que eu mais gostava no colégio. Como eu não poderia falar pra eles que, diferente dos outros, eu não me sentia bem aqui, recorri à minha paixão por alguém.

"Ele" ecoou da minha boca enquanto eu direcionava meu olhar e meu dedo indicador para o garoto mais tímido da sala. Consegui ver um olhar diferente nos olhos deles ao falar isso, mas não entendi bem o que isso significava. Eles sorriram.

- 5.

Ah, sorrisos... Nossa cidade é muito feliz e não há outra maneira de dizer isso. Lembro que, uma vez, perguntei ao meu pai quantas pessoas viviam aqui. Com os olhos espantados pela pergunta, ele balbuciou "ah, umas 70 ou 80 mil pessoas, sei lá". Você consegue acreditar ou imaginar toda essa gente sorrindo TODOS os dias? Bem, eu não preciso. Basta dar uma volta no quarteirão pra perceber que é um fato.

- 4.

Eu amo viver aqui. Pensando bem, acho que todos amam. Semana que vem é meu aniversário. Vou fazer, finalmente, meus 14 anos. Minha vó disse que foi com essa idade que ela deu o primeiro beijo. Estou ansioso pra descobrir o porquê de todos falarem que é em meados de agosto que o amor floresce na cidade.

- 3.

É, acho que são muitas qualidades pra uma cidade, né? São tantos e, ao mesmo tempo, quase nada de tudo que temos ao nosso redor. Aqui é rodeado de natureza. A todo momento surgem animais novos visitando nossa cidade. Outro dia mesmo eu vi um guaxinim no meu quintal. Contei isso aos meus colegas, mas acho que eles não acreditaram.

- 2.

Ah, eu sei que não deveria ter deixado o trabalho para última hora, mas, nesse momento, estou

vendo alguns pássaros esquisitos voando lá no alto da cidade. Estou escrevendo isso porque acho que acabei de descobrir uma nova espécie de ave. Elas fazem um barulho estranho, é um pouco alto mas não vi mais ninguém olhando para o céu (até porque, agora, é noite).

- 1.

Enfim, esses são apenas alguns dos melhores pontos do tudo da nossa cidade. Não vou me estender muito pois o texto mal está cabendo no limite de duas páginas que a professora estabeleceu, além de ser quase meia noite.

Ah, e, antes de esquecer:

Opa, bom dia!

Nota do autor: *Ao longo do texto, refleti e, bem, quem sabe a vovó esteja certa sobre os 14 anos. Uma semana pra ter essa idade já é, praticamente, ter, certo? Acho que vou falar com o garoto amanhã, na escola. Quem sabe não temos uma longa história de amor pela frente, certo? Afinal, é em meados de agosto que a paixão floresce em Hiroshima.*

05 de Agosto, 1945.

Amor de Irmã

“Olhos castanhos, morena e muito quieta.”

Assim eu a descrevi no auge dos meus quinze anos, quando conheci ela. Na época, sua idade beirava os quatorze. Não havia muita diferença entre nós, mas pude perceber que havia um grande abismo entre nós dois.

- Tão linda...

Nunca soube seu verdadeiro nome, então passei a chamá-la de Trixie. Demorou um tempo para que eu finalmente tivesse coragem para me aproximar dela. Todos os dias eu a via próxima à parada de ônibus que eu pegava para ir à escola. Toda manhã, fosse inverno ou verão, fizesse frio ou calor, ela estava lá e, bem, eu também.

- Sempre no canto dela.

Trixie estava sempre sozinha. Nunca conheci nenhum amigo seu ou qualquer familiar.

Normalmente, os pais acompanhavam os filhos até aquela parada, pois a seguinte era a encarregada por levar a todos para o centro onde trabalhavam.

Eu nunca a vi com ninguém.

- Ah, deixa pra lá.

Os dias eram sofridos, porém, as noites eram eternas. Foram inúmeras madrugadas dormindo mal, pensando em que situação Trixie estava vivendo. “Será que ela vive sozinha? Será que não tem a ajuda de ninguém?” era o que eu pensava de domingo a domingo. Todas as manhãs, instantes antes de ir para a parada, eu ficava em minha cama refletindo se aquele dia seria diferente. Eram breves minutos que pareciam uma eternidade, afinal, quando amamos, uma breve reflexão sobre a presença de outro alguém na sua vida dura alguns milésimos na realidade, enquanto, na sua imaginação, uma vida inteira fora vivida.

- Laços antecedem sentimentos duradouros.

Ultimamente eu tenho pensado muito no termo “amar”. Eu acho que nunca gostei de ninguém da mesma forma que gosto da Trix. Ela é diferente, mesmo eu nunca tendo falado com ela. Mas, isso deve ser bem normal, certo? Afinal, não acho que todos tenham a enorme coragem de ir falar com alguém cujo espaço dentro do coração ocupa tanto volume. Contudo, sendo normal ou não, esse estado de medo e incapacidade de falar com ela perdurou por muito tempo.

- Onde ela está?

Era quarta-feira, no meio de uma semana de julho. Naquela manhã chuvosa, Trixie não apareceu na parada.

Passaram alguns meses e, ao longo do tempo, percebi que não a via mais desde aquela manhã. Por algumas semanas eu fiquei muito preocupado.

Não dormia direito e vivia conspirando algumas teorias que, bem, certamente ganhariam um prêmio nobel da criatividade.

Passei por uma montanha russa intensa de altos e baixos, de pensamentos e esquecimentos. Foi muito difícil, mas acabei me convencendo de que nossa história havia chegado ao fim.

Todavia, nenhuma história que se preze teria um final tão simplório assim, certo?

- Talvez o destino tenha feito sua ação.

Ao chegar da escola, naquela mesma parada, cerca de cinco meses depois do misterioso desaparecimento, vi aqueles olhos castanhos me olhando descer do ônibus. Trixie estava lá, com profundas olheiras que pareciam segurar o peso do mundo. Ela estava mais magra e visivelmente doente. Eu era o único na parada naquele momento. Eu era o único que poderia ajudá-la. Eu fui o único que a ajudei.

- O que aconteceu?

Aquele instante em que eu desci do ônibus durou cerca de 14 segundos mas, dentro de mim, eu completei um aniversário naquelas mini escadas.

Desci e abracei Trixie com toda a minha força. Até hoje não sei o porquê e nem de onde eu tirei a coragem para isso.

Ela me abraçou de volta.

Naquele dia eu descobri que ela tinha sido abandonada por todos que já confiou. Nunca perguntei, mas provavelmente ela nunca tenha tido uma família de verdade até aquele dia.

- Segure a minha mão...

Levei-a pra minha casa. Ela estava nervosa e com muito medo. Trixie não confiava em nenhum dos olhares que via senão o meu.

Mesmo sem termos trocado uma palavra, ela entregou seu destino nas mãos de alguém que apenas a observava todas as manhãs.

Trixie acreditou, cegamente, em mim.

Chegando em casa, ao ver o estado dela, minha família prontamente aceitou cuidar dela. Em poucas semanas ela já recebia o amor e o carinho que sempre lhe faltara. Em poucas semanas, ela descobriu o lado bom da vida.

- Eu a amava...

Acho que nunca comentei com ela que eu sempre a observava pois a amava desde aquela época. Claro, era um amor diferente. Você já sentiu uma vontade intensa de querer conhecer alguém pois, de alguma maneira, uma sensação cósmica parece forçar uma amizade em vocês que transcende qualquer outra relação? Eu não sei bem como chamar isso, mas sei dizer que, a partir disso, eu a amei como uma irmã desde o primeiro dia que a levei para casa.

- ... até o ponto final.

Anos se passaram. Trix já estava muito melhor, porém muito mais velha. Eu havia feito meus dezenove anos e, por consequência, ela experienciava a vida no auge dos seus trinta.

A vida passa muito rápido quando temos o amor e o carinho que tanto desejamos um dia. Foi o que aconteceu comigo e com ela.

- Um barulho.

Era um dia quente no ápice do verão. Eu e Trixie tínhamos, como costume, passear nas ruas da cidade. Descobríamos lugares incríveis em toda caminhada. Passávamos horas e horas caminhando por cantos que contavam tantas histórias mesmo no mais sensível dos silêncios. Ela corria e eu tentava competir com ela. Eu nunca venci uma corrida contra a minha irmãzinha.

- Um momento.

Naquele dia, encontramos uma rua pouco movimentada. Passavam alguns carroceiros e raros carros. Era um bairro um pouco mais antigo, onde os velhos costumes ainda reinavam. As músicas emanavam dos rádios de dentro das casas e as janelas rangiam como se quisessem contar as suas histórias por meio de “nhecs”.

Parecia um bom lugar para nos divertirmos um pouco.

- Uma ação.

Trix estava agitada naquele dia. Ela queria correr contra o vento que soprava no nosso rosto quando parávamos na sombra. Resolvemos apostar uma corrida definitiva.

Naquele sábado ensolarado, colocamos a linha de chegada na metade da quadra seguinte. Eram cerca de 100 metros. O perdedor seria coroado o fracasso eterno (como costumávamos brincar).

- Um segundo.

Eu estava confiante de que ganharia. Trixie já estava fora de forma. Eu seria o vencedor.

Bati na mão dela e começamos a corrida. Ela estava ao meu lado na maior parte do tempo. Nenhum dos dois estavam tentados a perder.

Eu acelerei.

Corri em direção à linha de chegada sem olhar para trás, passando de Trix com toda a minha potência.

Eu fui o vencedor. A sensação da primeira e mais aclamada vitória preenchia meu coração. Eu venci, finalmente, quem eu mais respeitava. Eu finalmente venci em algo na minha vida. O mundo girava devagar enquanto eu virava meu olhar para trás a fim de zoar minha irmãzinha perdedora.

- Um resultado.

Foram milissegundos que duraram, mais uma vez, uma eternidade. Como o asfalto quente que é esmagado ferozmente por rodas de um carro em alta velocidade, eu vi, pela primeira vez, o meu mundo sendo agredido da mesma forma.

Marcas de pneu em suas costas. Olhos com um brilho que se acabava. Lágrimas que se perdiam meio a imensidão do asfalto.

Naquela tarde de verão, Trixie se encontrava deitada no solo quente que preenchia as ruas da cidade que, um dia, a rejeitou.

Eu corri em sua direção. Eu chorei junto. Eu gritei. Eu clamei por ajuda. Eu olhei em seus olhos e, ainda hoje, eu lembro de ter reparado as olheiras - que um dia seguraram o mundo - segurando, em seus últimos suspiros, a felicidade que não cabia no seu pequeno corpo.

- Uma última memória.

Naquela tarde, eu chamei e gritei por ajuda. Naquela tarde, ninguém me respondeu. Naquela tarde, eu percebi o motivo da minha existência. Naquela tarde, eu percebi que muitos, como a Trix, precisavam de mim.

Muitos precisavam da ajuda que ninguém cedeu naquela tarde. Muitos seriam vítimas daquele conservador e ignorante pensamento.

Afinal, quem ajudaria, não é mesmo? Até porque, no fim, era apenas mais um gato morto no asfalto.

- Um último miado.

O nosso sangue flui em meio a um mapa gigantesco de artérias e veias dentro do nosso magnífico corpo humano em uma velocidade de até 1,5 quilômetros por hora.

- *Onde?*

Como um mapa que preenche toda a ampla imaginação humana, naquela época, eu coloria os caminhos que passava com memórias de uma Inglaterra esbelta e gigantesca. Meus dias se iniciavam e terminavam com o mesmo objetivo: escolher para onde iria no próximo verão.

Bom, antes de tudo, acho melhor me apresentar. Me chamo Kcloe Ajax e, infelizmente, não tenho nenhum apelido para facilitar. Alguns me chamam de curandeiro, outros de mágico, mas, a verdade, é que sou médico desde minha adolescência e, bem, seja bem vindo ao meu diário.

- *Quem?*

Alguns anos atrás, meu sonho seria motivo de piadas, de chacotas e de risadas. Hoje, na Inglaterra de 1888, viajar e conhecer outras partes do país não é mais impossível, mas uma necessidade para muitos comerciantes (por exemplo).

- Acho que foi ele...

A cidade de Chester é, realmente, muito pacata. Todos os dias os mesmos clientes, os mesmos problemas, os mesmos nomes. É irritante a maneira como nada divertido vem pra essa cidade. Toda alegria, toda diversão, todo o principal comércio e eventos acontecem no centro das atenções nacionais. Por isso, eu me decidi: vou percorrer todas as principais cidades da Inglaterra em busca de novidades na vida.

- ... ou talvez aquele.

E, para começar minha nova aventura, vou em direção às fantásticas terras do mundo moderno, em Londres!

...

Eu sei, Diário. Fiquei um pouco ausente desde que fixei minha meta para o verão. Porém, lendo minhas palavras agora, após tudo o que vivi após ter estado meses naquela cidade e sem saber ao certo para onde estou indo agora, só consigo ficar abismado e preso nas lembranças dos momentos que vivi na cidade do futuro. Era tudo o que eu realmente sempre sonhei e, nada mais justo, que eu contar tudo que aconteceu, né?!

- Ou talvez as gangues...

Eu cheguei na cidade dia 15 de agosto. Não planejava ficar muito, pois o dinheiro não era o bastante para uma longa estadia. Todavia, a vida tinha outros planos para mim.

Ao me acomodar no local que eu ficaria, na Estalagem da Rua Batty, me fora avisado que alguns ataques estavam acontecendo na cidade. Algumas gangues e arruaceiros estavam atacando homens idosos e jovens mulheres brutalmente. Fiquei assustado.

- *Sussurros.*

Preocupado com a minha estadia na cidade, preferi fazer minhas visitas e trabalhos durante o dia, nas imensas e obscuras ruas de Londres. Alguns clientes me aconselharam a chegar na estalagem antes do sol se pôr (o que, normalmente, girava em torno das 17:30). Eu sempre segui a risca esse pensamento até que aquele dia aconteceu.

Era apenas mais um dia 30. Outra quinta-feira como todas as outras. Porém, desta vez, eu estava cansado. Estava exausto do barulho intenso e insuportável que aquela cidade, outrora tão maravilhosa, produzia o dia inteiro. Neguei-me a voltar para meu quarto naquele dia.

Era 18 horas quando decidi mudar o caminho para a estalagem e me direcionar a um bar que havia na Hanbury Street. Naquela noite eu bebi sozinho. Eu dei risadas sozinho e, (in)felizmente, terminei a noite sozinho.

- O que aconteceu naquele lugar?

Às duas horas da madrugada de sexta-feira eu saí daquele lugar. Foram poucos minutos de caminhada até eu encontrar aquela mulher. Ela tinha cabelos louros e olhos castanhos. Por problemas da vida moderna, ela vendia seu corpo naquela noite e, na minha condição, eu não pretendia comprar. Foram longas conversas até que, infelizmente, percebi que a estava atralhando. Dei-a um adeus que, lamentavelmente, ela não percebeu.

- Onde está?

Ela, naquela madrugada de sexta feira, foi meu primeiro amor e, por obra do destino, meu primeiro término rancoroso. Ainda em Londres, eu me apaixonei quatro outras vezes.

Claro, nunca contei à ninguém. Não tinha amigos para me expor. Não haviam vizinhos nos quartos da espelunca que eu estava.

A solidão andava de mãos dadas com todos nos bares que eu frequentava.

- De novo?

Eu achava engraçado como, todos meus amores, tornavam-se famosos da sua própria maneira. Eu conseguia ver um pouco de mim mesmo nas imagens e reportagens que o jornal noticiava. Em apenas algumas sequências de dias ou até meses, eu me tornara famoso sem ao menos ter o propósito, afinal, eu apenas estava fazendo o meu trabalho.

- Está lá fora...

Preciso admitir que a viagem à Londres foi muito agitada e divertida. Me apaixonei tanto pela cidade, quanto pelas pessoas, e, mais ainda, pelas ruas da cidade que sucumbiam à escuridão. Estou em um trem. Saí da cidade há um dia e mal posso esperar pela próxima pousada.

- ... em algum lugar...

Ah, querido Diário. Quase esqueci.

Nunca tive amigos, então meu nome sempre foi um problema. Porém, já não é mais!

Os jornais foram meus melhores amigos, afinal, graças a eles eu tenho um apelido mais formal.

Prazer, Diário, me chamo agora Jack.

- ... o estripador.

- Ele está pronto?

Ouvi, de outros cavaleiros de reinos distantes, que as estradas que me esperavam eram traiçoeiras, mas que, talvez, eu conseguisse alcançar o final delas com a ajuda adequada. "O caminho amaldiçoado", eles diziam.

Mais tarde, junto à minha companheira de batalha, Terê's de Caye's, eu descobriria que, na verdade, caminharíamos pelos mares ardentes do submundo.

- É quente demais... Ele vai mesmo assim?

Na vida de um guerreiro, muitas vezes pensamentos frágeis surgem em nossa mente. Ao começar a nossa trajetória, muitos desses foram aparecendo e, cada vez mais, eu me sentia perdido em meio a tantas dúvidas, especificamente, se o fim justificaria os meios.

- Ele sabe que, perto daquilo, ele é tão...

A nossa história começou logo que o sol raiou. Começamos a caminhada intensa e rapidamente. Nosso objetivo era claro: precisávamos estar próximos do objetivo ao ascender do sol no seu ponto máximo - o zênite.

Havíamos percorrido alguns quilômetros desde a partida. Suor, calafrios, hematomas e cansaço físico tomavam conta do meu corpo na manhã que nossa aventura começou. O dia acompanhava um calor advindo do sol de maneira que, intensamente, refletia todos os pecados já vividos pela humanidade perpendicularmente no caminho do nosso destino e, nesse momento, eu percebi que todos eles se reuniam em nossa frente.

- ... *pequeno?!*

Ao dobrar a quinta curva das Terras de Gomscarners, encontramos um dos maiores desafios que eu já havia presenciado.

Em nossa frente nos aguardava o maior desfiladeiro dos 26 reinos: a Ascensão Avenue. Uma subida interminável e calorosa separava eu e Terê's de nosso destino final.

Sem cavalos, burricos ou porcos, iniciamos a caminhada-escalada na íngreme estrada a frente.

- Será que eles sabem o que os esperam?

Durante todo o trajeto, enfrentamos diversos inimigos. Surgiram animais violentos de quatro patas que tentavam, desesperadamente, nos amaldiçoar com seus feitiços e encantamentos enquanto balançavam rapidamente seus rabos; seres que cuspiam fumaça pelas costas e usavam os corpos de suas vítimas, sentadas, dentro de si, a fim de se misturar, cujos movimentos tinham que ser desviados ou seríamos atropelados.

- Ninguém nunca espera que exista algo como aquilo.

Contudo, todos passados foram apenas aquecimentos para o maior desafio que já enfrentei.

Superada a grande Avenide, encontramos o último empecilho que nos separava da terra misteriosa. O sol já demonstrava que o tempo passara da metade do dia e, o nosso primeiro objetivo, havia sido concluído.

Estávamos beirando a exaustão quando, metros após a Ascensão, alcançamos um mar alto, mas não aquoso. Ele era denso, mas não estável. Escuro, mas alguns feixes de luz se perdiam dentro dele.

- Ele já deve ter encontrado...

Alguns chamavam de Praça do Fim, outros de Labirinto de Faunos. Ambos os nomes foram dados por pessoas que nunca enfrentaram de frente aquele caos. Eu, cara a cara com aquilo, chamei de Praça dos XV caminhos.

Eram gigantes arbóreos que, periodicamente, mudavam de posições, formando 15 diferentes caminhos cada vez.

A maioria dos cavaleiros, anteriormente, se perderam em meio à tamanha confusão. Pra minha sorte, Terê conseguira, outrora, um mapa enfeitiçado, cujo caminho para a glória estava traçado em linhas vermelhas e vibrantes.

- Mas terá, ele, realmente chegado?

Tempos, que, por sua vez, pareciam eternidades, passaram-se, formando a vista do final de nossa acentuada aventura.

Vozes desconhecidas e alegres emanavam do destino final, silhuetas de gigantescos fortes de luxúrias podiam ser vistos de longe e, mais ainda, fortes sentimentos eram depositados naquele ambiente.

- Somente o tempo dirá.

Nossa aventura terminara naquele momento, criando o legado e a história que eu carregaria pelo resto de minha vida como cavaleiro.

Foi perigoso, mas, afinal, era o esperado. Hoje, cerca de 20 anos após a primeira batalha que enfrentei, volto ao passado e consigo perceber todos os riscos que superei para alcançar o reino que me abraçou naquele dia.

Hoje, volto, em minhas memórias, no início de toda a história do lendário guerreiro Lucas, e de como começou sua jornada indo, pela primeira vez, ao *parquinho*.